

Livre do medo

Barbara Cartland

A mais famosa e perfeita autora de romances históricos, com 350 milhões de livros vendidos em todo o mundo.



Digitalização: Palas Atenéia
Revisão: Marlene

Título original: Free from fear

Copyright: © CARTLAND PROMOTIONS 1980

Tradução: T. MOREIRA

Copyright para a língua portuguesa: 1981

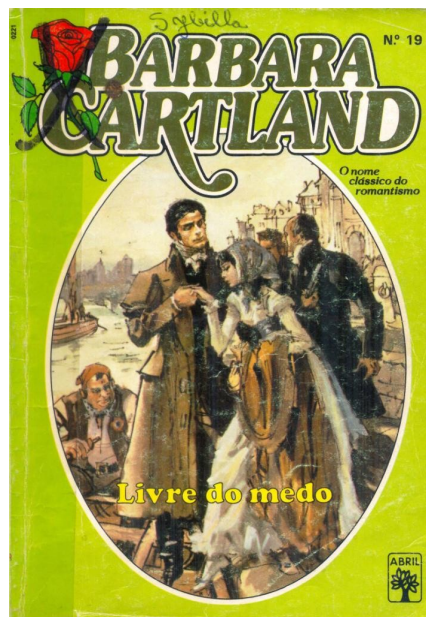
EDITORA EDIBOLSO LTDA. — São Paulo

Uma empresa do GRUPO ABRIL

Composto na LLNOART

e impresso nas oficinas da

ABRIL S. A. CULTURAL E INDUSTRIAL



A noite não estava fria, mas Yolanda tremia de medo enquanto cavalgava pelos bosques da periferia de Paris, ao lado do duque de Ilkeston, fugindo da polícia de Napoleão Bonaparte. Yolanda sabia que nada representava para o rico e orgulhoso duque, mas ela o amava e não poderia deixá-lo na hora da aflição. Depois da desesperada corrida, embarcaram num barco para chegar na Inglaterra.

No meio da viagem os soldados de Napoleão invadiram a embarcação! Nesse momento de angústia e perigo, Yolanda estava nos braços do duque,

preferindo morrer com ele, do que viver sozinha!

NOTA DA AUTORA

Em maio de 1803 os planos de Napoleão Bonaparte para invadir a Inglaterra começavam a se concretizar. Nos portos da Europa, oficiais navais, mestres, marinheiros e armadores recebiam ordens imperiais secretas, todas dirigidas no sentido da invasão.

Ao mesmo tempo, o primeiro cônsul tentava manter um relacionamento amistoso com o governo de Londres, através do embaixador inglês na França, lorde Whitworth.

Contudo, mesmo assim, quando um dia Whitworth preparava-se para viajar, o governo francês negou-lhe permissão para obter os cavalos necessários. Apesar dessa dificuldade ele partiu, finalmente, em 11 de maio de 1803 para Calais. Cinco dias mais tarde o embaixador francês em Londres foi chamado de volta a Paris. E no dia 18 os ingleses declararam guerra à França, capturando dois navios franceses.

Furioso, Napoleão Bonaparte ordenou a prisão de todos os viajantes ingleses que se encontravam na França. Dez mil pessoas foram presas, numa atitude que contrariava todos os princípios civilizados.

É nesse momento dramático da história européia que se desenrola este romance envolvendo a doce figura de Yolanda Tiverton e do orgulhoso duque de Ilkeston.

CAPÍTULO I

1803

Quando arrumava as flores na sala de estar, Yolanda teve a impressão de ouvir seu irmão chamando-a do vestíbulo.

A princípio, pensou que estava imaginando coisas, pois não o esperava de volta tão cedo.

Desde que se levantara, às quatro e meia da manhã, para ajudá-lo a se vestir, estivera rezando para que ele não se ferisse, ou que, por algum milagre, aquele duelo não se realizasse!

Agora eram oito horas, e ele deveria chegar dali há uma hora ou mais. Mas, para sua surpresa, já estava em casa.

Rapidamente colocou as flores murchas, que retirara de um vaso, sobre a mesa, e correu para vê-lo entrando no vestíbulo, gritando por seu nome mais uma vez.

— Yolanda, onde você está?

— Aqui, Peter — respondeu ela.

Ia perguntar-lhe o que acontecera, mas quando viu aquela expressão estranha em seu rosto, sentiu a voz morrer na garganta.

Havia algo de violento em seus olhos e seu rosto estava mais pálido do que nunca.

Sir Peter Tiverton sabia perfeitamente que era um homem atraente, um dândi jovem e elegante, que não ficava nada a dever aos outros janotas e almofadinhas que seguiam servilmente a moda ditada pelo *Beau Brummel*.

Mas naquele momento, com os cabelos, normalmente bem arrumados, em total desalinho, a gravata amarrotada e a expressão de espanto, *sir Peter* parecia outra pessoa.

— O que aconteceu? — perguntou Yolanda, quase sussurrando.

— Eu... o matei! — respondeu seu irmão. — Eu matei o marquês!

— Como? — gritou Yolanda. — E por quê?

— Deus sabe que eu não desejava isso — respondeu Peter. — Pretendia apenas feri-lo. Mas ele estava tão bêbado que, ao tentar atirar, vacilou e não conseguiu me acertar. E, então, acabei ferindo-o mortalmente com um tiro no peito.

— Oh... Peter... que horrível! O que faremos?

— O que faremos? — repetiu o irmão. — Você sabe muito bem o que tenho que fazer!

Yolanda apenas arregalou os olhos, pois não tinha condições de perguntar-lhe mais nada.

— Devo deixar o país imediatamente! — disse Peter. — A menos que queira ser levado aos tribunais!

— Mas era um duelo de honra!

— Você acha que isso faz diferença, quando se trata da morte de alguém tão importante quanto Ramsbury? E tem mais um detalhe: lorde Basil Blake, que era seu padrinho no duelo, ameaçou-me, gritando: "Você pagará por isso, Tiverton!"

Peter fez um gesto de desespero com as mãos.

— Você sabe como ele era influente junto ao lorde tesoureiro. Quem acreditará em mim quando disser que foi um acidente?

— Mas Peter! Ir embora... como? E para onde?

— Para a França! — respondeu seu irmão. — Quanto dinheiro temos em casa?

— Muito pouco. E, como sabe, uma montanha de dívidas!

— Junte tudo o que conseguir.

— Peter, você não pode me deixar aqui sozinha! Além disso, o que direi quando eles chegarem perguntando onde você está?

Ele ficou em silêncio por um momento.

Voltou-se, então, para a irmã como se a estivesse vendo pela primeira vez.

Parecia-lhe muito bonita com seus cabelos escuros, mostrando reflexos purpúreos, que emolduravam um rosto pequeno, onde se destacavam os olhos profundamente azuis.

Não eram do tom de um céu claro, mas de uma noite escura. Como o das águas de um mar agitado, sob uma tempestade. Sua pele era clara, herdada do pai inglês, e a tonalidade dos seus cabelos e dos de Peter revelava a ascendência francesa de sua mãe.

— Não, eu não a deixarei aqui sozinha — disse ele, lentamente, quase balbuciando. — Você irá comigo. Talvez não tenhamos que ficar fora por muito tempo, simplesmente até que os comentários se acalmem.

Não falava com muita segurança, pois sabia que a morte do marquês de Ramsbury provocaria grande repercussão e que não seria esquecida tão cedo.

O relógio de seu avô, pendurado no vestíbulo, soou. Meia hora tinha se passado e Peter mostrou-se inquieto.

— Rápido, Yolanda — disse ele. — Irei pedir aos Gibson que fechem a casa. Por favor, faça algumas malas, para levarmos nossas roupas.

— Sim, querido — concordou Yolanda. — Mas tem certeza absoluta de que deve deixar o país?

— Tenho que escolher entre a França e a prisão — explicou seu irmão.

Como se essa última palavra a impelisse à ação, Yolanda subiu correndo as escadas, enquanto Peter desaparecia pelos quartos do fundo do velho solar, que herdara há três anos de seu pai.

Durante quatrocentos anos, os Tiverton viveram naquela casa. Com o passar do tempo, principalmente a partir do fim do último século, a fortuna da família fora diminuindo.

As fazendas tinham sido vendidas, e, agora, o patrimônio era muito pequeno. Possuíam apenas o solar, a carruagem, os cavalos e os retratos de seus ancestrais. Yolanda tinha a impressão de que eles os olhavam com ar de desaprovação.

Mas ali era seu lar e ela o amava. Ao retirar apressadamente as malas de dentro dos armários, sentia-se não só infeliz por deixar tudo o que lhe era familiar, como também amedrontada.

Por mais que Peter pensasse que a levava consigo para protegê-la, ela sabia que terminaria cuidando dele.

Peter era impulsivo e irresponsável. Apesar disso, era gentil e compassivo, e, por sua própria vontade, não gostaria de ter ferido ninguém.

O marquês de Ramsbury poderia ser um dos nobres mais importantes da sociedade e respeitado na Câmara dos Lordes, mas, em sua vida pessoal, nada mais era do que uma pessoa dissoluta e bêbada.

O rei e a rainha reprovavam sua amizade com o príncipe de Gales, por temerem sua influência nefasta. Apesar disso, todos admitiam que era um homem muito inteligente.

Por outro lado, sua riqueza e suas vastas propriedades tornavam impossível ignorá-lo ou repudiá-lo, por mais que seu comportamento fosse desagradável.

Yolanda não sabia exatamente quais os motivos que tinham levado seu irmão a se envolver com o marquês, a ponto de ser desafiado para um duelo.

A causa de tudo imaginava ela, deveria ser uma mulher. Suspeitava ainda que, pelo fato de seu irmão ser muito atraente, a dama em questão o teria preferido ao marquês, que já estava na meia-idade e parecia muito mais velho, em razão da vida desregrada que levava.

Qualquer que tivesse sido o motivo, a realidade é que o duelo terminara em tragédia e isso significava que Peter teria que sair do país, deixando sua casa e seus amigos.

Ela mesma tinha poucos amigos, mas sabia que seu irmão era muito popular. E ficou pensando porque seu padrinho no duelo, ao menos, não o acompanhara na volta.

Agora, não havia tempo para perguntar. Por isso, rapidamente, dobrou e colocou na mala as poucas roupas que possuía.

Em seguida, correu ao quarto de Peter, que pertencera a seu pai, preparou sua bagagem, guardando os seus casacos de corte elegante, suas calças de couro de gamo, suas botas enfeitadas com borlas e um grande número de gravatas de musselina fina.

Em uma das gavetas, encontrou algumas moedas perdidas. Naquele instante, lembrou-se de que precisavam de dinheiro!

Achava que deveriam levar muito, se quisessem viver na França, tendo que pagar aluguel e outras despesas.

Mas onde arranjariam esse dinheiro?

Possuíam poucas jóias, que tinham pertencido à sua mãe e que Yolanda gostaria de guardar por razões sentimentais. Convenceu-se, então, de que não deveria ser egoísta e que sua mãe certamente gostaria que ajudasse Peter, a quem adorava.

Havia também o relógio de ouro de seu pai. Era uma peça que tinha passado de pai para filho na família, desde que fora presenteado ao primeiro baronete, pela rainha Anne.

Era penoso pensar que talvez tivessem que vendê-lo. Ao mesmo tempo, considerou, se estivessem em apuros, de que adiantaria continuar com um relógio de ouro, por maior valor histórico que tivesse?

Ao terminar de arrumar as malas, desceu as escadas e foi até o cofre. Viu, então, que Peter já o abrira.

— O que aconteceu com o broche de diamante de mamãe? — perguntou ele.

— Vendemos no ano passado — respondeu Yolanda. — Não se lembra? Você queria comprar um cavalo e tinha que pagar adiantado por seu alojamento.

— Eu tinha me esquecido — disse Peter. — Mas, com certeza, ainda temos algo de valor, não?

— Estive pensando nisso — afirmou Yolanda. — Restam seis guinés do dinheiro que você me deu para a manutenção da casa, no mês passado. Talvez você consiga sacar um cheque no armazém do povoado.

— Boa idéia! Vou fazer isso — replicou Peter. — Só espero que ele possa ser coberto depois.

— Oh, Peter, você deve ter algum dinheiro no banco!

— Não muito — respondeu ele —, mas precavi-me, pedindo emprestado a meu padrinho, antes de deixar Londres.

— Quanto?

— Com o que já possuía, acho que somam agora cinqüenta libras.

— Isso nos aliviará por enquanto, mas se tivermos que ficar fora por muito tempo...

Olhou para o irmão. Ele se manteve impassível, sem coragem para encará-la.

— Vou dizer-lhe o que devemos fazer — disse ele. — Iremos a Paris e tentaremos descobrir algum parente de mamãe.

— Ela sempre disse que muitos tinham sido guilhotinados durante a revolução!

— Sim, eu sei. Mas os Latour eram uma grande família! Talvez com a política de Bonaparte para formar uma nova Corte, tentando reconciliar-se com o *Ancien Regime*, os Latour tenham caído novamente nas boas graças dele.

— Talvez não os aceitem ainda — comentou Yolanda.

— Isso não importa, desde que possamos ficar por lá! — De repente, ele sorriu. — Anime-se! As coisas não serão tão ruins quanto imaginamos. Além disso, sempre quis conhecer Paris. Dizem que as mulheres francesas superam as inglesas!

Yolanda suspirou de leve.

Era próprio de Peter sonhar primeiro com as diversões que teria pela frente, deixando de lado as graves circunstâncias que os obrigava abandonar a terra natal.

Sabia que não adiantava repreendê-lo.

Ao contrário, retirou do cofre as poucas peças de valor e colocou-as em uma bolsa de couro que pertencera à sua mãe. Yolanda sempre a levava consigo quando viajava.

— Teremos que deixar algum dinheiro para os Gibson — disse ela.

— É claro! — concordou Peter. Ela tinha certeza de que ele nem pensara nisso.

— E as contas a pagar?

— Os credores terão que esperar até que voltemos! — respondeu Peter. — disse a Gibson que escreverei ao sr. Claymore, que sempre cuidou da propriedade, para continuar o seu trabalho e saldar as dívidas mais urgentes!

Yolanda quis indagar:

— Com que dinheiro?

Depois achou que isso poderia aborrecer seu irmão. Assim, simplesmente ouviu o que ele dizia:

— O café pode ser servido agora. E, tão logo Gibson traga a pequena carruagem, partiremos!

— Será que lorde Basil já mandou alguém atrás de você? — perguntou Yolanda, com voz assustada.

— Certamente ele viria primeiro me procurar em casa — afirmou Peter. — Conseguirá com facilidade meu endereço no campo, no White. Mas não vou ficar aqui esperando ser preso!

— Não, é claro que não! — gritou Yolanda, com medo.

Correu para cima, para pegar seu chapéu e sua capa de viagem.

Estava bem quente, apesar de ser abril. Porém ela era bastante sensata para supor que poderia fazer frio durante a viagem por mar. Por isso, apanhou uma longa capa de couro, que também pertencera a sua mãe.

Era a vestimenta mais elegante que Yolanda já possuía. Lady Tiver-ton, uma típica francesa, fazia questão de manter-se elegante. E tudo o que vestia ficava melhor nela do que em qualquer outra mulher.

Pronta para sair, Yolanda deu uma última espiada em seu quarto.

O tapete estava puído e as cortinas desbotadas. Mas, por ter passado ali toda a sua vida, considerava aquele aposento como uma parte de si, e sentia muito ter que deixá-lo.

Olhou para a parede acima da lareira, onde estava dependurado um retrato de sua mãe.

Era uma pintura muito bonita, feita por um artista que ficara fascinado pela beleza da *comtesse* Marie de Latour e a transferira para a tela.

Yolanda parecia-se muito com a mãe. Contudo, sua pele clara e alguns pequenos detalhes indefiníveis não a caracterizavam nem como francesa, nem como inglesa.

Era como se reunisse o que havia de mais belo nas mulheres de ambas as nações. Aqueles que a conheciam confirmavam essa impressão, não somente a respeito de sua aparência, mas também por seu caráter e personalidade.

Agora, fixando-se no rosto de sua mãe, transformava-se novamente em uma criança, e suplicava:

— Olhe por nós, mamãe! Ajude-nos, pois, embora esteja com Peter, terei muito medo!

Por um momento, Yolanda esperou, como se achasse que sua mãe pudesse responder. De repente, lágrimas sentidas começaram a escorrer pelo seu rosto. Deparou, então, com Gibson, que viera apanhar as malas.

— Não é justo que tenha que partir assim, lady Yolanda — disse ele, com seu jeito ranzinza, mas que demonstrava aquela afeição e familiaridade típicas dos velhos criados.

— É verdade, Gibson — respondeu Yolanda. — Só que não posso deixar que *sir* Peter vá sozinho. Você sabe muito bem que ele ficará em apuros, se não estiver a seu lado!

— Ele se meterá em complicações de qualquer jeito, senhorita, com ou sem a sua presença! afirmou Gibson.

Não esperou que ela respondesse. Colocou a bagagem nos ombros e saiu para o corredor, em direção à escadaria.

Alguns minutos depois, eles partiram, deixando a Sra. Gibson soluçando com pesar.

Peter nada disse. Nem olhou para trás, para ver a casa pela última vez. Yolanda sentia pela tensão demonstrada em seus lábios e pela postura de seu queixo, que ele estava tão preocupado quanto ela.

Evitaram conversar sobre o assunto. Quando chegaram ao armazém do povoado, Peter entrou para tentar descontar um cheque, desculpando-se por aquele incômodo de ter que partir para Londres tão inesperadamente.

— Não creio que disponha de muito, *sir* Peter — disse-lhe o Sr. Brewster, proprietário da loja!

— Bem, arranje-me o que tiver. — Peter falou. — Não tenho tempo de ir ao banco, e estou com muita pressa!

— Pressa, pressa, isso é o que me diz desde que era criança — respondeu o Sr. Brewster, hesitante. Sempre sem tempo para fazer isto ou aquilo!

Riu, e Peter foi obrigado a fazer o mesmo.

— O Sr. Brewster começou a mexer em uma gaveta.

— Ah! Tinha me esquecido disto — disse ele. — Está com sorte, *sir* Peter. Recebi ontem à noite onze libras. É tudo o que tenho!

— Fico-lhe muito agradecido, Sr. Brewster.

Preencheu um cheque e entregou ao comerciante, que perguntou:

— Quando voltará?

— Não estou certo — disse Peter, enquanto caminhava para a porta, e acrescentou: — mas logo receberá notícias!

— As suas encomendas habituais serão entregues — respondeu o sr. Brewster. — E guie cuidadosamente. Não queremos acidentes, não é *sir*?

— É claro que não!

Correu para o veículo e sentou-se junto à Yolanda, que segurara as rédeas, enquanto ele estava na loja.

— Quanto conseguiu? — perguntou ela, quando partiram.

— Quase onze libras.

— Só isso?

— Era tudo o que ele tinha.

Não conversaram por muito tempo. Mais tarde, Peter retomou:

— Conseguiremos mais um pouco com a venda de nossa pequena carruagem e dos cavalos, quando chegarmos a Dover.

— Vai vender os cavalos?

A voz de Yolanda demonstrava seu espanto.

— Não conseguiremos pagar o aluguel de um estábulo, enquanto estivermos fora do país.

— Mas, Peter eles quase fazem parte da família, sempre viveram conosco. Como pode deixar que fiquem nas mãos de estranhos?

Sabia, no entanto, que não receberia nenhuma resposta. Certamente, não teriam condições de sustentar os animais, enquanto estivessem no exterior. Mesmo que isso parecesse uma traição, aqueles cavalos, que tanto amavam tinham que ser vendidos.

Durante a viagem, Yolanda tinha a sensação de que, a cada quilômetro que transpunham, era mais difícil deixar a Inglaterra.

O que encontrariam na França, que compensasse abandonar tudo aquilo que lhes era familiar e que, na verdade, era o único mundo que ela conhecia?

Lera nos jornais notícias de que o armistício firmado há um ano mudara a atitude dos franceses em relação aos seus inimigos, os ingleses.

Yolanda sabia que Bonaparte, o primeiro cônsul, não gostava de ser retratado pelos cartunistas como um déspota barbudo, parecendo personagem de uma novela corsa, saqueando, incendiando e matando.

Agora, ele era descrito como o homem mais importante da Europa, recebendo a saudação de suas tropas com toda a pompa e esplendor da realeza. Metade das nações do mundo prestavam-lhe homenagens.

Yolanda lera a entrevista de um turista em Paris, afirmando ter visto aquele homem, encarado quase sempre como um bárbaro, montando um cavalo que pertencera ao último rei da França, ser recebido por famosos generais e admirado por mulheres maravilhosas de diversas nacionalidades.

Parecia estranho que aquela sua imagem tivesse mudado tão rapidamente. Para Yolanda, importava mais que a paz fosse restabelecida e que não houvesse mais tantas mortes.

O jornal *Times* lhe informara que o primeiro cônsul começara a freqüentar a missa, todos os domingos, na capela de Tuilerie.

— Tenho certeza de que estarei segura na França — pensou ela.

Era estranho recordar-se de como sua mãe lamentara e odiara a Revolução Francesa. Logo depois, Napoleão Bonaparte lutara contra os ingleses, enquanto tentava restaurar a unidade nacional na França.

— Ele é um novo-rico e nunca será aceito pela aristocracia francesa — declarou lady Tiverton com segurança.

De repente, todos começavam a admirar aquele homem que dera vitórias ao seu país, em vez de derrotas e caos interno.

A distância até Dover era longa, mas Peter era um condutor hábil. Assim, chegaram logo após o meio-dia.

Ele deixou Yolanda no porto, com sua bagagem, e saiu, sem lhe dizer aonde ia. Mas ela tinha certeza de que ele iria vender os cavalos e o veículo.

Tentou não pensar nisso, pois sentia vontade de chorar.

Sentada sozinha no cais, olhava os passageiros que esperavam para subir a bordo do navio que cruzaria o canal, achando-os pouco atraentes.

Peter queria alugar para ela uma saleta particular, mas Yolanda o convencera a desistir.

Enquanto seguiam para Dover, pouco tinham conversado. E ela tivera tempo suficiente para pensar nas medidas econômicas que deveriam tomar, uma vez que dispunham de pouco dinheiro.

Sua intuição lhe dizia que as jóias de sua mãe, que pareciam tão sofisticadas, não teriam muito valor comercial.

Não tinha noção do preço dos alimentos e alojamentos na França, mas sabia que estrangeiros eram sempre explorados.

E, então, mais otimista, lembrou-se de que ela e Peter não eram completamente estrangeiros na França.

Por sua descendência materna os dois falavam a língua francesa tão fluentemente quanto o inglês. E, ao olhar-se em um dos grandes espelhos que decoravam as paredes do hotel, Yolanda notou que parecia mais francesa que inglesa.

Talvez, durante a viagem, fosse melhor serem confundidos com os franceses. Seriam menos enganados. E, em muitas partes da França, os ingleses ainda eram vistos como inimigos.

Era uma idéia a se analisar. Quando Peter voltou, Yolanda esperou até que ele lhe contasse o resultado dos negócios.

— Fiquei desapontado — disse ele. — A carruagem alcançou o preço que eu esperava, mas os cavalos, não.

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

